

A correspondência entre linguagem e mundo no *Tractatus* de Wittgenstein

LEANDRO SHIGUEO ARAÚJO

Resumo: Existe um limite para a linguagem? Se tal limite existe, qual o critério para determiná-lo? A linguagem seria, em uma perspectiva referencial, eficaz ao tentar descrever fatos mundanos? As respostas para essas perguntas podem ser encontradas nas investigações do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, principalmente, na obra denominada *Tractatus Logico-Philosophicus*. O intuito deste artigo é, então, tentar responder às questões supracitadas com as teses e argumentos levantados no início da Filosofia Analítica da Linguagem, especificamente, nas teses de Ludwig Wittgenstein, em sua obra denominada *Tractatus Logico-Philosophicus*. Juntamente com Frege e Russell, Wittgenstein deu um novo rumo para a filosofia no século XX. Seus pensamentos revelaram que a linguagem, até então vista de forma subsidiária pelos filósofos, deveria ocupar um lugar de destaque nas investigações filosóficas. Porém, havia um problema fundamental para este tipo de investigação: qual seria o melhor método para analisar algo que é objeto e meio de pesquisa? Certamente, a resposta de Frege seria a Lógica. De acordo com essas considerações, este texto será dividido em duas partes: primeiramente, apresentarei as principais teses e conceitos sobre a linguagem desenvolvidos por Wittgenstein; posteriormente, tentarei dar respostas às questões supracitadas embasadas no *Tractatus Logico-Philosophicus*.

Palavras-chave: filosofia da linguagem – lógica - Wittgenstein

Introdução

Mesmo que as investigações sobre os problemas relativos à linguagem ocorram desde a antiguidade, seria na contemporaneidade, especificamente no século XX, que a corrente filosófica denominada *Filosofia Analítica da Linguagem* possuiria sua origem. Alguns filósofos contemporâneos afirmam que essa corrente surgiu em 1912 com os trabalhos conjuntos de Gottlob Frege, Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein.

Juntamente com Frege e Russell, Wittgenstein deu um novo rumo à filosofia no século XX. Seus pensamentos revelaram que a linguagem, até então vista de forma subsidiária pelos filósofos, deveria ocupar um lugar de destaque nas investigações filosóficas. Porém, havia um problema fundamental para este tipo de investigação: qual seria o melhor método para analisar algo que é *objeto e meio* de pesquisa? Certamente, a resposta desses filósofos seria a Lógica.

Pois bem, o tipo de abordagem que esses filósofos tinham da filosofia ficou conhecido por transformar um problema filosófico em um problema de linguagem. Chamam essa Filosofia de Analítica pelo método utilizado em suas investigações.

O método é definido claramente por P. R. Margutti em seu artigo intitulado *O Método Analítico em Filosofia*:

Sabemos que a palavra análise vem do grego *analein*, que significa desligar, dissolver, separar, decompor. Quando usado em filosofia, o método analítico corresponde ao procedimento pelo qual se toma uma dada expressão lingüística complexa, que denominaremos expressão de partida, e se decompõe a mesma numa articulação de expressões lingüísticas mais simples, que denominaremos expressão de chegada. Se a decomposição é efetuada de maneira correta, a expressão de chegada pode substituir a expressão de partida em todas as suas ocorrências. O que garante a substituição é o fato de que as duas expressões envolvidas, a de partida e a de chegada, possuem o mesmo significado (MARGUTTI, 2002, p. 125).

Decompor expressões é um método que pode ser utilizado de duas maneiras: puramente formal, pressupondo assim um mínimo de conhecimento da lógica moderna iniciada por G. Frege; ou mesmo utilizando meios da linguagem comum. Como o *Tractatus* de Wittgenstein refere-se ao primeiro tipo de análise formal, focarei as explicações somente neste. Como exemplo da primeira utilização do método, a expressão “o carro na garagem é azul” é decomposto, seguindo a definição acima, da seguinte forma: $(\exists x) (Cx \bullet Gx \bullet Ax)$, ou seja, “existe um x ($\exists x$), tal que, x é um carro (Cx) e x está na garagem (Gx) e x é azul (Ax)”. Essas proposições de chegada revelam muitas vezes como algumas expressões são usadas com sentidos ambíguos. Exemplos claros disso podem ser encontrados, principalmente, nas teorias de Russell sobre as *descrições* definidas, além da teoria tractatiana de *análise lógica* de Wittgenstein.

Como implicação desse método, todos os problemas da filosofia são, então, transportados para o campo semântico, ou seja, *dissolvidos* em problemas de significação da linguagem. Esta foi a maior crítica de Wittgenstein à Filosofia: *não haveria problemas genuinamente filosóficos*.

4.112 O fim da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos.

A filosofia não é uma teoria, mas, uma atividade. Uma obra filosófica consiste essencialmente em elucidar.

O resultado da filosofia não são “proposições filosóficas”, mas é tornar proposições claras.

Cumpra à filosofia tornar claros e delimitar precisamente os pensamentos, antes como que turvos e indistintos. (WITTGENSTEIN, 1994, p. 177).

Mais ainda, afirma também sobre as proposições produzidas pela filosofia:

4.003 A maioria das proposições e questões que se formulam sobre temas filosóficos não são falsas, mas contra-sensos. Por isso, não podemos de modo algum responder a questões dessa espécie, mas apenas estabelecer seu caráter de contra senso. A maioria

das questões e proposições dos filósofos provém de não entendermos a lógica de nossa linguagem.

4.0031 Toda filosofia é “crítica da linguagem” (todavia, não no sentido de Mauthner) (ibidem, p. 165).

A expressão *crítica da linguagem*, apresentada por Wittgenstein, faz referência a toda filosofia que se comprometa a criticar o discurso metafísico. Afirmar que não seria a sua crítica da linguagem correspondente com a apresentada por Fritz Mauthner nos faz direcionar, primeiramente, o “olhar” para esse filósofo e entender qual seria, então, sua concepção do termo. Trata-se de uma posição radical, em sentido cético, para com as questões das afirmações descritivas da metafísica¹.

Essa *crítica da linguagem* de Mauthner teria fornecido um dos principais problemas para Wittgenstein na composição do *Tractatus*: a impossibilidade de descrever o mundo, através da linguagem científica. Todavia, ao reafirmar a influência direta de alguns autores ligados à corrente lógico-empírica (principalmente H. Hertz, Boltzman, G. Frege, B. Russell, G. E. Moore) sobre a teoria tractatiana de Wittgenstein, temos as características de um suposto debate entre Mauthner e Wittgenstein. Por um lado, temos um ceticismo radical em relação à capacidade da linguagem em descrever algo no mundo, defendida por Mauthner; por outro lado, temos a linguagem lógico-científica na empreitada de fornecer princípios suficientes para que as descrições correspondam efetivamente ao mundo (fatos), defendida pelo próprio Wittgenstein.

Conceito geral de linguagem no *Tractatus*

No prefácio do *Tractatus*, Wittgenstein afirma, referindo-se à própria obra: “Poder-se-ia talvez apanhar todo o sentido do livro com estas palavras: o que se pode dizer, pode-se dizer claramente; e sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (ibidem, p. 131).

De acordo com as palavras do autor, pode-se afirmar que sua obra é uma tentativa de anular possíveis problemas, tanto da linguagem científica, quanto da linguagem filosófica. Digo isso, pois o fato de o filósofo tentar estabelecer um limite para o pensamento, através da linguagem (“aquilo que se pode falar...”), restringiria os temas abordados pela filosofia e pelas ciências.

¹ Devido à dificuldade do discente em encontrar a obra *Contribuições para a crítica da linguagem* de F. Mauthner tanto em alemão quanto em português, minhas conclusões sobre a relevância de Mauthner para os estudos sobre o *Tractatus* são embasadas na obra *Dicionário Wittgenstein* de H. J. Glock, pp. 21-23. Ver também MARGUTTI, P. R. P. *Iniciação ao silêncio; análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Edições Loyola, 1998, pp. 107-118. Outras grandes obras que podem ser citadas como referências sobre a filosofia austríaca em geral, inclusive sobre Mauthner, são: *Wittgenstein e a Filosofia Austríaca*, de Rudolf Haller e *A Viena de Wittgenstein*, de A. Janik & S. Toulmin.

Mesmo que no *Tractatus* haja uma definição própria para o conceito “linguagem”, pode-se entendê-lo sobre outro modo, a saber, por meio de uma associação entre algumas afirmações expostas no prefácio da obra com dois aforismos. Com relação às afirmações, Wittgenstein diz: “O livro pretende traçar um limite para o pensar, ou melhor – não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos. O limite só poderá, pois, ser traçado na linguagem” (ibidem. p. 131).

Caso essas afirmações sejam associadas com os aforismos de número 4 e 4.001, que afirmam respectivamente: *O pensamento é a proposição dotada de sentido. A totalidade das proposições é a linguagem* (ibidem. p. 165), assume-se, assim, a concepção do termo em pauta da seguinte forma: expressão de todas as proposições dotadas de sentido. Conforme essa aceção, o pensamento não seria uma entidade mental abstrata, mas sim proposições dotadas de sentido. Assim sendo, entender o significado de proposição seria entender o próprio significado da linguagem em seu aspecto essencial. A *crítica da linguagem* de Wittgenstein poderia ser restringida a uma crítica à proposição, pois, ao fazer a restrição, o filósofo faria uma crítica da linguagem em um sentido fundamental, no qual se envolveria todo e qualquer tipo de sentença declarativa dotada de sentido.

Para fazer a análise lógica da proposição, que consiste em parte na decomposição das proposições complexas da linguagem em proposições simples, Wittgenstein impõe dois pressupostos analíticos: (i). em 3.25 afirma que uma proposição tem uma e somente uma análise completa; (ii). a análise deveria terminar em um ponto (*simples*), anulando a possibilidade de tornar-se um regresso ao infinito. O primeiro pressuposto revela que, mesmo que a análise de uma proposição seja feita em diversos modos, o resultado será sempre o mesmo. Já o segundo pressuposto revela que a análise tem como ponto de chegada os *simples*, ou seja, unidades mínimas dotadas de sentido. Esses últimos são formados por elementos que não possuem significado isoladamente, mas somente quando são combinados entre si mesmos numa determinada configuração, de modo que, quando combinados, tornam-se proposições elementares. Como implicação, as proposições complexas têm sentido somente se as proposições elementares também o têm. Para o autor do *Tractatus*, somente as proposições elementares “tocariam” o mundo, pois só elas podem garantir a figuração das proposições complexas. Daí, a importância da análise lógica. Como foi dito na introdução deste artigo, esse método analítico de decomposição de proposições é o que se chama de “atomismo lógico”. Devido à abordagem da pesquisa não aprofundarei este tema.

Para que o significado seja efetivo, tais elementos logicamente articulados devem representar algo, ou seja, devem afigurar algo no mundo. O problema torna-se, assim, explicar como uma proposição pode representar algo efetivamente.

Mundo e realidade como esquemas vazios

Antes da explicação sobre a relação entre a linguagem e o mundo, vale mencionar a caracterização desse último. Para Wittgenstein, o mundo seria *qualquer mundo*

possível, ou seja, um esquema de mundo em que fatos logicamente possíveis ocorrem. Entender o que o filósofo afirma sobre “*como o mundo é*”, e não “*o que ele é*”, seria de fundamental importância para que se compreenda qual elemento o mundo fornece para sua correspondência com a linguagem.

Assim como a concepção de linguagem do *Tractatus* refere-se a qualquer linguagem, a concepção de mundo deve ser entendida como qualquer mundo possível. Essa concepção de mundo é importante para descrevermos fatos ainda não ocorridos, mas que podem vir a ocorrer. Como elementos constituintes desses mundos haveria fatos logicamente possíveis. Esses fatos seriam objetos em uma determinada disposição e relacionados uns com os outros; fatos dividem-se em *fatos atômicos* (fatos simples) e *fatos moleculares* (fatos complexos, no sentido de serem compostos por fatos simples). Somente dessa forma poderíamos descrever o mundo *como* ele é. Não poderíamos afirmar que o mundo é constituído por objetos, pois estaríamos desconsiderando a disposição dos mesmos. Se fosse possível caracterizar o mundo dessa última forma, bastaria catalogarmos todos os objetos para enfim conhecermos o mundo em sua totalidade. Porém, quando vejo uma determinada sala de aula, não a vejo como um conjunto formado por quadro negro, cadeiras, mesas, etc. Mas a vejo como um conjunto dessas coisas em uma determinada configuração, ou seja, em uma relação dessas coisas consigo mesmas. Por isso, Wittgenstein afirma no aforismo 1.1 que “o mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas”.

Vale mencionar que os *objetos* tractatianos não podem ser confundidos com os objetos materiais da linguagem ordinária: por exemplo, mesa, cadeira, livro, computador, etc. Os primeiros não são fatos, e por isso, não podem ser decompostos em partes mais simples. Já os segundos podem ser decompostos em uma análise química, física etc., mas que não pode ser realizada pelo método lógico. Considere, por exemplo, um livro. Este pode ser dividido em partes mais simples, como folhas, tinta etc. Desse modo, o livro poderia ser visto como um fato, já que na sua composição existem vários objetos em uma disposição particular. Mas, na análise tractatiana, o fato de os objetos serem simples implica que não podem ser decompostos. Por isso, os objetos são, analogamente, entendidos como correspondentes às partes indivisíveis aceitas pela Física.

No caso da “realidade”, um ponto interessante observado por James Griffin (1998) é a dificuldade de assimilação da diferença entre as concepções de “mundo” e da própria “realidade”. Sabendo que o mundo seria o conjunto de todos os fatos (ou estados de coisas) que ocorrem, ou seja, são fatos positivos, a realidade seria o conjunto desses fatos positivos mais os negativos. Aparentemente, a realidade seria mais ampla que o mundo. O problema surge quando Wittgenstein afirma que “a realidade total é o mundo”. Essa suposta contradição é superada, caso compreenda-se o que Wittgenstein queria dizer da seguinte forma: o mundo é a soma total de todos os fatos, e essa soma total determina o que acontece e o que não acontece. Logo, o mundo seria igual à realidade. Em outras palavras, os fatos negativos não são constituintes do mundo ou da realidade, mas, quando dado um determinado conjunto de fatos positivos, os negativos são dados automaticamente. Sugiro que este ponto de vista supere a dificuldade

quando aplicada em uma análise linguística, ou seja, quando afirmo, por exemplo, o fato positivo “os homens são mortais”, sua correspondente negativa, no caso, “os homens não são mortais” é dada. Efetivamente, ou seja, do ponto de vista factual, somente o primeiro desses fatos ocorre, mas do ponto de vista da linguagem, os dois tipos de fatos são dados.

Outro ponto importante do tema é a possibilidade de efetivação das estruturas lógicas que compõem os fatos mundanos. Para Wittgenstein, essas estruturas são lógicas, pois não seria possível ocorrerem fatos como, por exemplo, “neva e não neva simultaneamente”, ou seja, contradições factuais seriam impossíveis. Um exemplo de possibilidade de efetivação de estruturas lógicas é “A água ferve a 0º C”. Mesmo que pareça absurda, ela não fere nenhuma possibilidade lógica. Isso é explicado pela concepção de *mundo* presente no *Tractatus*. Segundo Moreno, a noção de *mundo* de Wittgenstein remete a todos e quaisquer mundos particulares compostos de fatos lógicos possíveis. Seria um esquema de mundo, que poderia ser pensado e descrito. Em outros termos, seriam formas puramente lógicas sem qualquer conteúdo.

Correspondência estrutural

Para que o chamado isomorfismo entre a linguagem e o mundo seja esclarecido, dois aspectos gerais serão vistos: a *forma lógica* do mundo e da linguagem, apresentados sobre a teoria que ficou conhecida como *Teoria da Figuração ou Pictórica*; e os critérios de análise na linguagem e no mundo, que são os mesmos.

Nas proposições do *Tractatus* que tratam do assunto, Wittgenstein afirma:

2.13 Aos objetos correspondem, na figuração, os elementos da figuração

2.131 Os elementos da figuração substituem nela os objetos.

2.14 A figuração consiste em estarem seus elementos uns para os outros de uma determinada maneira. (ibidem. p. 143.)

Em suma, a figuração é aqui entendida como representação, pois seria uma relação entre figuras que espelham ou representam a realidade. Assim, quando me referir à figuração, deve-se entender representação. Essa figuração na linguagem ou na proposição seria uma figuração lógica, pois caso contrário não poderia representar o mundo, o qual seria o conjunto dos fatos *logicamente* possíveis.

Para figurar um fato, uma proposição da linguagem deve ter uma *forma lógica*. Seu correspondente no mundo seria a *forma dos objetos*, ou seja, a possibilidade de disposição dos objetos. Esses objetos, por sua vez, corresponderiam, na linguagem, aos nomes (simples), e Wittgenstein afirma que nada mais que nomes podem ser atribuídos aos objetos. Em outras palavras, os nomes são etiquetas dos objetos, e valores de verdade não lhes podem ser atribuídos.

Por um lado, quando configurados, os nomes dão origem às proposições ele-

mentares, as quais dão origem às proposições complexas. Por outro lado, mas, de maneira correspondente, no mundo, a disposição de objetos dá origem a fatos simples (atômicos), os quais dão origem aos fatos complexos (moleculares). Dando importância aos objetos na constituição dos fatos – descritos pela linguagem – Wittgenstein afirma que eles seriam a “substância” do mundo. Essa *substância* corresponde à forma e conteúdo, ou seja, um objeto possui todas as possibilidades de configuração com outros objetos, em si mesmo.

Essa correspondência entre o mundo e a linguagem é que se chama de isomorfismo, ou seja, correspondência entre as estruturas do mundo e da linguagem. Como implicação, o critério de análise lógica sobre os dois planos seria o mesmo. Isso ocorreria, pois, ao tentar explicar o mundo ou a linguagem particularmente, Wittgenstein estaria explicando-os simultaneamente, além do próprio pensamento.

Para Arley R. Moreno (2000), essa relação exposta no *Tractatus* entre a linguagem e o que ela representa (no caso, o mundo) pode ser explicada sob condições de diferença e semelhança entre aquilo que representa e aquilo que é representado. Com a primeira das condições seria possível fornecer critérios para distingui-los, incluindo-os no conjunto linguagem, enquanto que com a segunda, seria possível fornecer a propriedade comum entre as totalidades da linguagem e o mundo.

Conforme a condição de diferença, dois pontos são ressaltados: primeiramente, “algo representado pode representar”. Essa afirmação fornece argumentos para outra afirmação, a saber, que a linguagem seria composta por um conjunto de funções, e não como um mero amontoado de termos, já que o conjunto de funções da linguagem poderia ser atribuído a diversos elementos. Por exemplo, os termos “livro”, “caderno”, poderiam exercer a função de “representar” em uma determinada proposição, desde que, ao formulá-la haja uma nítida distinção entre o que seria representante e o que seria representado.

Em relação ao segundo ponto, o caráter lógico da linguagem seria o critério para distingui-la das demais formas de representação. Assim sendo, uma representação do tipo lógica (*abbilden*) seria associada a uma representação linguística. Para Wittgenstein, a representação lógica seria uma espécie de imagem ou modelo (*Bild*) de um determinado fato. Assim, as proposições de nossa linguagem seriam modelos de estruturas logicamente articuladas correspondentes a estruturas internas de nosso mundo. Utilizando um exemplo já citado, a proposição “neva e não neva simultaneamente” seria impossível, uma vez que seria contraditória, do ponto de vista lógico e factual. No entanto, a proposição “neva ou não neva” seria possível, não apenas do ponto de vista lógico, mas também, em relação às possibilidades de representação de tal proposição complexa.

Distinção dizer/mostrar

Aqui tentarei apresentar sucintamente a parte considerada mística das teses de Wittgenstein, que dizem respeito à oposição entre aquilo que pode ser dito e aquilo

que se mostra. Trata-se de uma oposição, pois Wittgenstein afirma que aquilo que pode se mostrar não pode ser dito e vice-versa.

Sobre isso, Wittgenstein afirma no aforismo 4.121:

A proposição não pode representar a forma lógica, esta forma se espelha na proposição.
O que se espelha na linguagem, esta não pode representar.
O que se exprime na linguagem, nós não podemos exprimir por meio dela.
A proposição mostra a forma lógica da realidade. (ibidem. p. 179).

Para Wittgenstein o que se poderia dizer seriam apenas proposições referentes aos fatos do mundo, enquanto que formas lógicas, sejam da linguagem ou do mundo, apenas se mostrariam. No aforismo 5.61 o filósofo afirma sobre as proposições da Lógica:

A lógica preenche o mundo; os limites do mundo são também seus limites.
Na lógica, portanto, não podemos dizer: há no mundo isso e isso, aquilo não.
Isso aparentemente pressuporia que excluímos certas possibilidades, o que não pode ser o caso, pois, do contrário, a lógica deveria ultrapassar os limites do mundo: como se pudesse observar esses limites também do outro lado.
O que não podemos pensar, não podemos pensar; portanto, tampouco podemos dizer o que não podemos pensar. (ibidem. p. 245).

No caso da Lógica, por exemplo, suas proposições não poderiam ser afirmadas, pois, são consideradas contra-sensos. De acordo com Hans-Johann Glock (1998), o que Wittgenstein queria dizer era que isso se dá pelo fato de que, enquanto as proposições das ciências afirmam proposições sobre os fatos do mundo, os quais são contingentes, revelando, assim, “como” o mundo seria, por outro lado, as “pseudoproposições”, principalmente aquelas da Lógica, afirmam aquilo que possui apenas uma forma, por isso, dizem coisas supérfluas. Tais proposições, por não se referirem aos fatos, não possuem valores de verdade. Em outras palavras, proposições do tipo “xRy” não dizem nada a respeito do mundo, não podem ser consideradas nem verdadeiras nem falsas, e afirmam aquilo que já se sabe, a saber, a forma lógica das proposições.

Os principais constituintes do grupo das coisas inefáveis podem ser encontrados nas proposições da “metalinguagem”. Usar uma linguagem com estrutura própria para explicar a linguagem corrente seria também contra-senso. Além dessas, proposições da ética e da estética devem ser vivenciadas e não ditas.

Podemos considerar a teoria ética de Wittgenstein muito próxima daquela denominada *emotivismo*. De acordo com Richard Hare (2003), os intuicionistas afirmavam que as decisões de ação do sujeito eram tomadas intuitivamente. Os enunciados morais, então, seriam desnecessários, visto que cada sujeito capaz de intuir poderia esta-

belecer suas regras morais². A teoria do mostrar afirma justamente isso: os enunciados morais são desnecessários, pois, a ação correta e incorreta “se mostra” para cada sujeito.

A principal implicação dessa tese tractatiana é que as proposições do próprio *Tractatus* são vistas como contra-sensos ou absurdos. Wittgenstein afirma isso no final da obra:

6.53 O método correto da filosofia seria propriamente este: nada dizer, senão o que se pode dizer; portanto, proposições da ciência natural – portanto, algo que nada tem a ver com filosofia; e então, sempre que alguém pretendesse dizer algo de metafísico, mostrar-lhe que não conferiu significado a certos sinais em suas proposições. Esse método seria, para ele, insatisfatório – não teria a sensação de que lhe estivessemos ensinado filosofia; mas, esse seria o único rigorosamente correto.”

6.54 Minhas proposições elucidam dessa maneira: quem me entende acaba por reconhecer-las como contra-sensos, após ter escalado através delas – por elas – para além delas. (Deve, por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela.)

Deve sobrepujar essas proposições, e então verá o mundo corretamente (ibidem. p. 281).

Nessa passagem, fica claro o porquê de Wittgenstein abandonar sua ideia de que somente as linguagens descritivas das ciências continham significado. O problema posto à obra por suas próprias proposições parece ter sido resolvido somente com pesquisas posteriores à obra publicadas em um livro denominado postumamente de *Investigações Filosóficas*. Devido à abordagem do assunto, esse ponto não será aprofundado. O leitor mais atento pode perceber como a influência de Mauthner sobre Wittgenstein foi grande, e que a tentativa de relacioná-los não deve ser feita apenas como oposição, mas também como influência de modos de pensar.

Conclusão: respostas às questões iniciais

Chegamos, enfim, no momento oportuno de tentar responder às questões iniciais: existe um limite para a linguagem? Se tal limite existe, qual o critério para determiná-lo? A linguagem seria, em uma perspectiva referencial, eficaz ao tentar descrever fatos mundanos?

De acordo com as duas primeiras questões, poderíamos afirmar que para Wittgenstein, parte de sua obra, o *Tractatus Logico-Philosophicus*, seria a tentativa de respondê-las. Segundo esse livro, a linguagem teria não apenas limites, mas estes seriam impostos pelo próprio mundo, já que seria este quem estabeleceria a forma lógica da linguagem, a qual não poderia ser descrita, mas se *mostraria*. O que é dito seria uma forma de afigurar seus constituintes, os fatos. Os objetos, como constituintes dos fatos, não

² Ver HARE, R. *Ética: problemas e Propostas*. Tradução de Mário Mascherpe e Cleide Antônia Rapucci, São Paulo: UNESP, 2003, p. 119-144.

poderiam ser descritos, apenas nomeados. Uma proposição seria afiguração lógica de um fato, possível através da correspondência entre as partes da proposição e os elementos do fato descrito. Com isso, pode-se dizer que qualquer tentativa de descrever algo – seja por meio da filosofia, seja por meio das ciências – seria necessariamente uma descrição do próprio mundo.

Assim, podemos afirmar em relação à última questão que, como a linguagem é limitada pelo mundo, qualquer tentativa de descrição do mesmo seria eficaz, desde que fosse efetivamente correspondente com os fatos. Assim sendo, afirmar, por exemplo, que “os unicórnios possuem apenas um chifre” – uma proposição que aparentemente possui um sentido - não poderia ser considerada como uma proposição que *representa* algo no mundo. Isso fornece indícios para afirmação de que o mundo fornece fundamentos para os valores das proposições da linguagem.

Portanto, a correspondência entre a linguagem e o mundo, sob a perspectiva tractatiana, não apenas seria possível, como validaria qualquer descrição logicamente construída, seja pela ciência, seja pela filosofia, as quais seriam formadas por descrições sobre a realidade.

Leandro Shigueo Araújo é acadêmico do curso de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia. e-mail: leandroshigueo@gmail.com

Referências bibliográficas

ANSCOMBE, G.E.M. *An Introduction to Wittgenstein's Tractatus*. New York: Harper Touchbooks, 1965.

GLOCK, H. J. *Dicionário Wittgenstein*. Tradução de Helena Martins. Rio de Janeiro: Ed.Jorge Zahar, 1998.

GRIFFIN, J. *O Atomismo Lógico de Wittgenstein*. Introdução de Vitor Moura, trad. de Marina Ramos Themudo e Vitor Moura. Porto: Porto Editora, 1998.

HALLER, R. *Wittgenstein e a filosofia austríaca*. Tradução de Norberto Abreu e Silva Neto. São Paulo: editora da USP, 1990.

HARE, R. *Ética: problemas e propostas*. Tradução de Mário Mascherpe e Cleide Antônia Rapucci, São Paulo: UNESP, 2003, p.119-144.

JANIK, A. & TOULMIN, S. *A Viena de Wittgenstein*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Campus, 1991

MARGUTTI PINTO, P. R. O Método Analítico em Filosofia, in: BRITO, Emídio Fontenele de & CHIANG, Luiz Harding. (org.). *Filosofia e Método*. São Paulo, 2002, v. 15, pp. 125-145.

_____. *Iniciação ao silêncio; análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MORENO, A. R. *Os Labirintos da Linguagem: Ensaio Introdutório*. Rio de Janeiro: Taurus, 1988.

WITTGENSTEIN, L. *Cadernos 1914-1916*, Tradução de João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 2004.

_____. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

_____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução, apresentação e ensaio introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos; introdução de Bertrand Russell. São Paulo: EDUSP, 1994.